

# Acontece-me de escrever sem ver

ANA KIFFER

O título deste meu breve ensaio já é ele mesmo uma homenagem à trajetória de Evando Nascimento. Trata-se de uma frase retirada de um texto de Jacques Derrida, que, como sabemos todos, é um dos nomes que acompanham desde muito tempo o trabalho e a vida intelectual de Evando.

Mas além da homenagem, esse título abre e indica as minhas breves considerações sobre os desenhos-escritos de Evando Nascimento. Trata-se, sob esse aspecto, mais do que de um título, funcionando aqui como uma espécie de convite, e com ele gostaria de chamá-los a entrarem comigo nesse espaço vasto e sempre fértil dos processos de criação que se põem em cena quando os acoplamentos entre os regimes do visível e do dizível se entrecrocaram e se entrelaçam. Os desenhos-escritos e os diários lítero-visuais<sup>1</sup> serão aqui o objeto de minha reflexão. Entre os desenhos-escritos e os diários, os próprios textos ali cifrados, ilegíveis (indizíveis?), porém inscritos, como diz o autor, “na minha letra cursiva ilegível”, insurgirão também pondo em xeque esses entrelaces e entrecroques.

---

1 “Diário lítero-visual” é o termo dado por Evando Nascimento a uma vasta produção escrita, na qual ele pensa sobre a prática dos seus desenhos-escritos ou pinturas-escritas, como ele prefere nomear. Esse material, em sua maior parte inédito, me foi cedido gentilmente pelo autor para que essa reflexão pudesse aqui se desdobrar.

“Acontece-me de escrever sem ver” cria a atmosfera que eu gostaria de delinear como sendo aquela de onde vou pensar, dialogar, tocar e ser tocada pelos desenhos-escritos aqui em questão. “Acontece-me de escrever sem ver” indica ainda a respiração dessa escritura que, para além do regime do dizível, é também traço, rastro, fóssil, físsil, resto, rosto, corpo, oco, poço, caverna, inscrição. Alguns desses termos usados por Evando, outros aqui acrescidos por mim. Nessa busca pelos ruídos e ressonâncias, em que ao regime do dizível e do visível vem também se interpor o regime do audível, seus silêncios, batuques, repiques, beiradas inaudíveis que delimitam um campo de escuta comum e também a minha delicada aproximação – logo uma certa escuta – do trabalho ainda em construção de Evando Nascimento.

“Acontece-me de escrever sem ver” indica esse universo rítmico, e por vezes asfixiante, dos espaços onde o ar circula e/ou se interrompe, espaço da respiração da letra e do traço. Da sedimentação da cor, ou do tremular da escrita. Nesse sentido, escrever sem ver não equivale à escrita às cegas, e em nada se aproxima das estéticas de um inconsciente automático ou dos exercícios de improvisação. Escrever sem ver é *a memória de cego*, do qual fala Derrida (1990). Constitui-se como uma escrita cifrada, guardiã dessa memória como um segredo, mas também como um prenúncio ou visão. A “escrita cifrada” será o termo que a partir de agora utilizarei para falar dessas inscrições textuais, na maior parte das vezes ilegíveis, que compõem os desenhos-escritos de Nascimento.

A hipótese inicial é a de que a questão da escrita nos seus desenhos não é apenas a da sua (i)legibilidade, mesmo que não conseguir ler seja importante para poder ver, para mudar, digamos assim, o regime discursivo em que sempre esteve situado o Evando e todos nós – qual seja: o paradigma logocêntrico. Diria que há algo nesse laborioso traço do ciframento dessa escrita que revela, expõe, sem, contudo, mostrar ou dizer. Trata-se mais de uma (ex)posição subjetiva em que ao sujeito resta cortar, limar, crivar a carne mesmo dos textos de sua vida. Intimidade salvaguardada, essa ex-posição é o próprio do trabalho de transmutação ou de metamorfose das matérias subjetivas. Por isso também, sob esse ângulo, o entrelace entre o traço do desenho e o traço da escrita, entre esses dois regimes lado

a lado em diferença, mantém-se necessário para a própria possibilidade de construção desses textos.

Por isso, e ainda, circunscrever e pensar a sua escrita no âmbito de seus desenhos-escritos me parece exigir, além da reflexão acerca dos processos e efeitos da ilegibilidade, um outro fundo, lodo, lama ou húmus onde algo precisa estar cifrado para poder ser visto. Essa respiração do ciframento recoloca um conjunto de questões e de relações entre a imagem e o texto, muitas dessas questões pensadas pelo próprio autor em seu diário lítero-visual. Ali onde ele afronta e discorre em fragmentos sobre o embate entre a saída de um regime exclusivista – a escrita da esquerda para a direita, a produção de sentido, a soberania da clareza, a lógica interpretativa – e a entrada nesses outros regimes de contaminação e de disseminação entre texto e imagem, que necessariamente desconcertam esses paradigmas anteriores.

Desenho e escrita, literatura e visualidade abrem, nos processos desse autor, o próprio do procedimento da disseminação. Algo que exige diferir do procedimento de produção de sentido baseado na clareza e na lógica sucessiva e linear da linguagem em sua configuração espaçotemporal. Tudo isso aponta para a necessidade de assinalar que, sob a égide do procedimento da disseminação, a literatura e a imagem existem *a priori* em sua materialidade, em seu peso e valor materiais. Pensar aqui torna-se um exercício de pesar.

A partir dessas premissas gerais, escolho escrever, através de pequeníssimos, breves e singelos fragmentos, acerca de três questões e finalizar o texto com um outro breve enxerto. O enxerto expressa também o meu desejo de ser aqui apenas o ramo de um vegetal em outro vegetal,<sup>2</sup> desdobrando-se, quiçá, como na planta que o originou. São, de fato, três breves notas. A primeira parte da ideia da letra como traço e busca pensar quais procedimentos Evando usa para recolocar a letra no lugar do traço ou da pura linha; a segunda será uma brevíssima nota sobre o desenho como

---

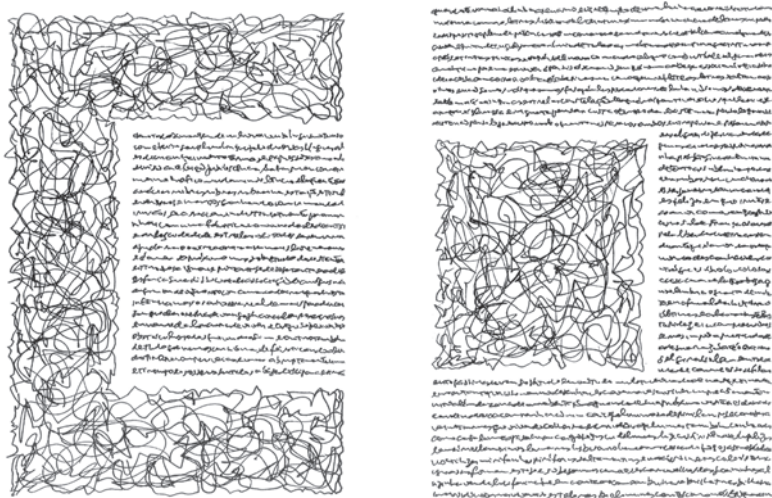
2 Metáfora que ressoa e dialoga com todo o trabalho do autor sobre a importância das plantas e o mundo vegetal.

fóssil, seguindo a pista deixada pelo próprio autor e trazendo algumas associações que me interessam; a terceira nota é sobre as escritas cifradas. O enxerto é como eu gostaria de fechar essa composição sob o título e o ânimo de “o animal humano”.

Vocês verão que esse percurso breve é nada mais e nada menos do que o gesto de agradecimento e homenagem, de retorno e de contato, de toque singelo e amigo diante do vasto que me foi aberto através do material que o homenageado compartilhou comigo e que eu quero, aqui, agradecida, partilhar também com vocês.

\*\*\*

Figura 1 – Desenho de Evando Nascimento



Fonte: acervo pessoal de Evando Nascimento.

## Nota 1: a letra como traço

Talvez buscar a letra como traço ou pura linha que foge e escapa entre os dedos aproxime essa escrita do momento germinal do ato de escrever. Germinal aqui não deve ser compreendido como a cultura ocidental pensou o original. Mas sim como esse mundo vegetal-animal onde os germens

fazem proliferar a matéria, mesmo quando a ameaçam. Mais próximo da disseminação, termo caro ao trabalho de Evando, a germinação libera a letra não somente do peso histórico dos significados, mas ela libera também o sentido através do transtorno estético, do desejo de decifrar, ou de sua pura liberdade em caotizar a ordem. Deixa-nos ver a singularidade da metamorfose do traço enquanto rabisco ao traço enquanto letra. Nota-se como essa disseminação da letra como traço ou pura linha buscará em meio ao caos da ausência de sentido ordenar a página, crivar o caos de uma outra ordem e uma outra linearidade diante da qual deverá acoplar-se outra visão. Artaud, que vem me inspirando há mais de 20 anos para pensar os desenhos-escritos, termo cunhado por ele mesmo para falar da obra que concebeu em seus últimos anos de vida,<sup>3</sup> dizia que desenhava *com a consciência da criança*.<sup>4</sup> Reparem que ele chama pela consciência, e não pelo inconsciente ou o inconsciente automático. E sabemos que Artaud frequentou e até dirigiu o Bureau des Recherches Surréalistes. Artaud destina, entrega ou aloja essa consciência no seio da infância, posto que encontra na infância a consciência desprovida ou ao menos não engessada pelo aparato simbólico-legal. Aquele que moralmente determina e enquadra os nossos traços vividos, herdados e deixados ou marcados ao longo de uma vida. A consciência da criança, assim como a escrita cifrada, não equivale ao escrever às cegas, ao jogar no papel sem crivo algum. Ao contrário, ela faz apelo ao universo mais cruel e mais cru, como se a ordem simbólica ainda não de todo erigida pudesse ceder espaço aos movimentos pulsionais - que produzem decerto sentido, mas não necessariamente ali onde esperamos por ele.

O traço em sua própria gênese oscila e pendula entre a letra e o desenho. Algo entre o seu momento final e nascente ao mesmo tempo, diante, muitas vezes, de um indecível, ele escreve sem dizer: vou aqui nascer ou vou morrer? É o traço no surgir de seu próprio desaparecimento. Esse acontecimento que não se agarra. Mas que por um instante estopa a reflexão.

---

3 Ver: Kiffer (2016).

4 Texto inédito em português. Ver: Artaud (2004).

Colocando-a diante do seu próprio muro. E nos fazendo assistir apenas a esse esforço. Na presença de algo que tenta vir a ser. Esforço hercúleo e delicado. Como que nos dizendo que toda possibilidade de sentido é ela mesma transitória, que o muro pode se interpor a todo e qualquer momento, que a visão não é clara e que a letra precisa, de tempos em tempos, voltar e pesar a sua própria materialidade – nos inserindo na imprevisibilidade das matérias do mundo.

## Nota 2: o desenho como fóssil

Evando escreve em seu diário lítero-visual:

*O desenho é um fóssil do modelo original. Desenhar com linhas dá a ilusão de uma realidade objetiva, que mimetizaria o real. Ao me livrar das linhas e me dedicar a manchas e sombras, atingi outra dimensão do real imaginário. Um fóssil é o que sobrevive à rudeza do tempo e do espaço, constituindo a terceira dimensão da matéria. Quando tudo desaparece, sobre a marca d'água de um corpo que nasceu, sofreu, gozou e morreu – o fóssil é somente uma impressão do corpo desaparecido e perpetuado como imagem. (Fragmentos do diário lítero-visual, 2015)*

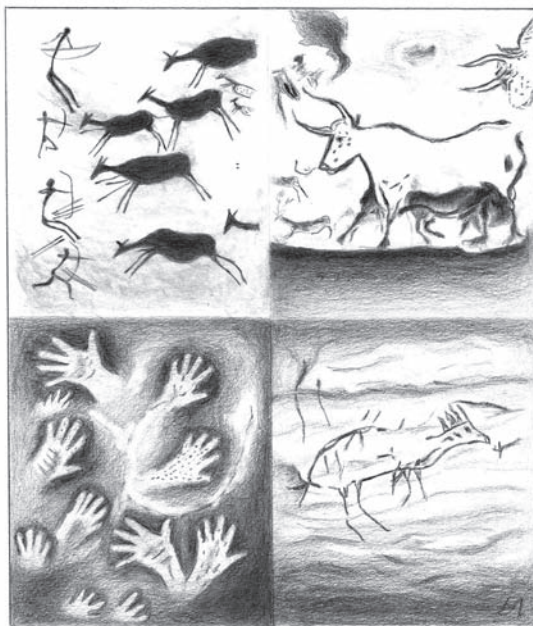
Figura 2 – Desenho de Evando Nascimento



Fonte: acervo pessoal de Evando Nascimento.

Esse trecho do diário lítero-visual fala do desenho-escrito intitulado *A folha* em que o contraste entre o alto grau de realismo pictórico da folha está envolto por esse mesmo tecido de uma letra-linha indecifrável. O fóssil aqui, dado que a operação age sobre o procedimento de recolha da folha morta na natureza até a sua vivificação no espaço pictórico, permite a Evando desenvolver essa articulação da imagem ou do desenho como aquilo que sobreviverá. Parece-me, no entanto, que essa operação de fossilização é algo que ele opera também sobre a própria letra, transfigurando-a em linha imagética. A letra assim fossilizada sobreviverá aos ataques e também aos congelamentos do sentido, inevitáveis quando postas sobre a linearidade escriturária e também do tempo histórico. Paradoxalmente, a operação de fossilização acaba por encenar, nos procedimentos artísticos, uma batalha pela vida que age, no entanto, sobre o plano de decomposição. Decomposição dos corpos nos desenhos-escritos, dos corpos das letras, da linha de legibilidade e do horizonte do sentido.

Figura 3 – Desenho de Evando Nascimento



Fonte: acervo pessoal de Evando Nascimento.

Veja, por exemplo, o desenho *Desordem das inscrições*. Nesse quadro, volta-se às cenas das inscrições “originárias”. E é justo nele onde, em algum momento, torna-se inevitável que o procedimento de disseminação se encontre diante do indecível vida e/ou morte. Animal sacralizado porque sacrificial. Mão como sombra, caverna como fonte dessa luz invertida: início e fim ao mesmo tempo. O fóssil é então e somente uma *impressão* do corpo desaparecido e perpetuado como imagem, diz Evando. Impressão e inscrição são os pesos desse procedimento. Eles agem sobre o movimento pendular da vida e da morte – desaparecimento e perpetuação. A cena da caverna, aludida na imagem, já não precisa sequer da letra cifrada ou ilegível – porque ali todo corpo já é uma letra, letra inicial impressão como marca de um corpo sobre outro. Embate entre corpos humanos e animais, quem sobreviverá na cena dessa escrita primordial?

### Nota 3: sobre as escritas cifradas

Começo citando um trecho de Derrida (1990, p. 11, tradução nossa), no livro *Memórias de cego*:

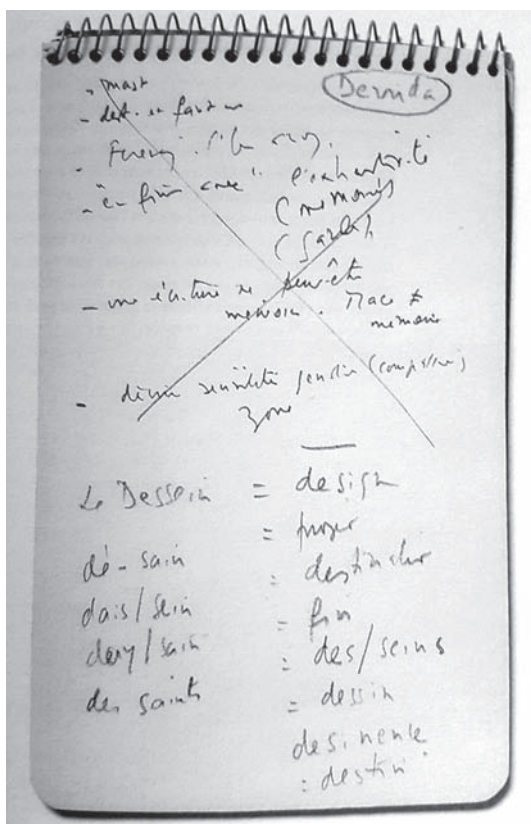
Por acaso, e às vezes no limite do acidente, acontece-me de escrever sem ver. Não com os olhos fechados. Mas abertos e desorientados, de noite, ou de dia, ou ao contrário com os olhos fixados noutra coisa, olhando alhures, quando dirijo às vezes rabisco alguns traços nervosos com a mão direita, sobre um papel pendurado no painel do carro ou jogado ao meu lado no banco. Algumas vezes sem mesmo ver sobre o volante. São notações de memória, grafites ilegíveis, em seguida diríamos uma escrita cifrada.

Notação-grafite-ilegível. As escritas cifradas, em parte solo primordial da experiência da desconstrução em Derrida, dessa *abertura fechada* que está na base do procedimento desconstrutor, atravessam de modo contundente as inúmeras reflexões acerca da escrita na contemporaneidade. Como me interessa pensar aqui, há algo nos desenhos-escritos, e também nos de Evando, que recoloca essa *escrita cifrada* numa cena em que o desejo de escrita já não se acopla a nenhuma história, a nenhuma



narrativa, a nenhum enredo que o sustente. Há algo que é da ordem de uma pulsão escriturária.<sup>5</sup> Um circuito ininterrupto de forças, mesmo quando transformadas nessa delicada e fina linha, como no caso dos desenhos que vimos aqui. Louise Bourgeois, que também produziu inúmeras séries de diários, cadernos e desenhos-escritos, chamava esse procedimento escriturário de doce compulsão,<sup>6</sup> no caso dela indicando a escrita desenhada do fundo da noite insone.

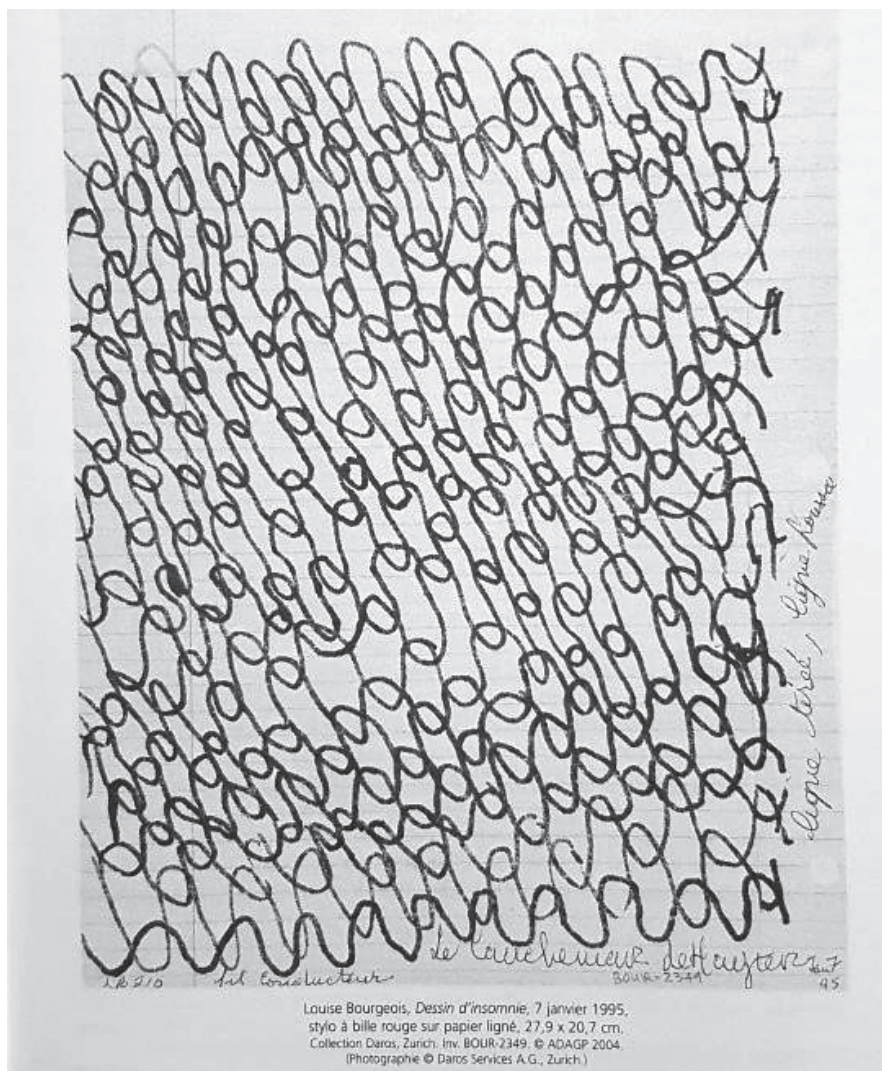
Figura 4 – Página de um caderno de Jacques Derrida



Fonte: Bailly (2016).

- 5 Questão mais detidamente desenvolvida na primeira parte do livro *Do desejo e devir: as mulheres e o escrever*. (KIFFER, 2019)
- 6 Ver, além do livro *Do desejo e devir*, o artigo “Tendre compulsions, les écrits de Louise Bourgeois”, de Bernadac (2004).

Figura 5 – Desenhos da insônia de Louise Bourgeois



Louise Bourgeois, Dessin d'insomnie, 7 janvier 1995.  
stylo à bille rouge sur papier ligné, 27,9 x 20,7 cm.  
Collection Daros, Zurich. Inv. BOUR-2349. © ADAGP 2004.  
(Photographie © Daros Services A.G., Zurich.)

Fonte: Bernadac (2004).

De fato, aqui se desloca a escrita legível de sua legibilidade. Mas o que me parece importante não é exatamente indicar a ilegibilidade como método ou forma. Senão perceber como há nesse processo um ato de desconstrução radical dos paradigmas que sustentam o campo do legível e do dizível e por conseguinte um questionar dos contornos que delimitam

o ilegível. A arte não para de fazer isso. Mas há algo no pensamento e na escrita que fixa esses contornos – em seus modos, formas e destino – de maneira muito mais contundente, impedindo que eles venham a ser re-colocados, expandidos ou mesmo postos em dúvida. Há decerto um custo nisso, nesse colocar em dúvida, nessa operação que questiona os limites que separam ou que se interpuseram entre o legível e o ilegível. Mas os cadernos e desenhos-escritos vêm me indicando que algo, até certo ponto surpreendente, acontece nessa passagem constante entre um e outro. Seu campo de experimentação permite também dessacralizar os processos artísticos e conceituais. Exige-nos seguir a pista, a ideia e a prática de uma espécie de dispositivo antiaura, o que sempre acarreta uma leitura desobediente. Até certo ponto, indócil.

Desse modo, o que estou aqui com Derrida chamando ou salientando como escrita cifrada remete a esse traço pulsional do escrever, que esses meios mais próximos aos corpos vêm nos mostrar que elas em nada devem ou assemelham-se ao hermetismo. Como entendemos, por exemplo, o ciframento e hermetismo da linguagem acadêmica. Este, até certo ponto indica muito mais o elitismo do pensamento, ou mesmo o seu descompromisso com a vida dos inúmeros não leitores que perfazem a cultura em que vivemos, do que o ciframento a que faz alusão Derrida no texto *Memórias de cego*. Eu sublinharia aqui que esse ciframento de que fala Derrida me parece ser também um dos procedimentos presentes nos desenhos-escritos de Evando.

Reivindicações contundentes feitas em sua maioria por mulheres, intelectuais negras, vêm mudando esse *status quo* do pensamento fechado sobre si – do ciframento acadêmico que dentro dele te encerra. Fazendo com que o hermetismo ceda a um ciframento outro – que comporta o traço da vida, a dor da experiência no seio do conceito, e não mais essa dimensão de um conceito sempre limpo, sem sangue, desgarrado dos traços lanhados da vida, permitindo-se tão só pensar sobre a dor do outro.

Uma das hipóteses que levanto é que essa proliferação escriturária – que a desestabiliza de seu assento legível e compreensível – é antes a potência não medicalizada da compulsão. Fazendo-a fugir do vício

repetitivo e vazio imposto cotidianamente como modo de vida normopático nos braços fortes do biopoder. Essa potência não medicalizada traz os traços da dor, mesmo quando em nada eles se perfazem em escritas ou narrativas de si ou da vida vivida. Hoje, poderíamos dizer que esses traços compulsivos operam também em seus excedentes não inscritos, não acolhidos, propagando-se de forma brutal na disseminação dos ódios cotidianos: aí onde essa potência da compulsão mostra também os seus estragos. No caso da arte e do conhecimento, algo se pode dobrar. Decerto apenas algo. Operando no seio dessa potência compulsiva uma dobra minúscula, feita de um esforço tão pequeno como o de uma mosca, formiga ou aranha: ir ali rabiscar delicadamente e compulsivamente, todos os dias ou noites ternamente nos ofertando essas linhas finas, linhas que acabam suplantando a aridez da forma. Ou, como no caso de Derrida, no risco que a compulsão também impõe: diante do volante do carro, com os olhos fixos, no limite do acidente. De todo modo, em todos esses traços, algo faz com que a escrita viva em regimes não visitados em suas descrições ou conceptualizações. Escrita feita de um algo entre o brutal da vida e a fragilidade do papel. Quiçá seja o inverso – a brutalidade desse papel. E a fragilidade da vida.

## **Enxerto: o animal humano**

É em torno dessa brutalidade dos papéis e da fragilidade da vida que termino com o enxerto “o animal humano”, para Evando Nascimento. Tentando fazer uma espécie de pintura de palavras, recorrendo, entre outros, ao método da poesia visual, *cut and copy*, criando novos enxertos com palavras que passearam sobre os papéis de Evando, em minhas mãos e pés aqui e ali calejados, cansados, mas também sonhadores, imaginativos. Pois que vendo o que não estava desenhado e lendo o ilegível, somos convidados à imaginação radical como forma através da qual o animal humano sobrevive nesse espaço entre a brutalidade dos papéis – em seu sentido literal e figurado – e a fragilidade de nossas vidas.

Diz Evando que a verdadeira existência principia no desenho – disso sabiam os homens e mulheres das cavernas, cujos rabiscos e pinturas ainda hoje são contemplados nas pedras. Eu diria, a partir do que ele nos oferta, que o alfabeto visual desregula a continuidade que, ali na caverna, ainda poderia haver entre o humano e o animal. Diria ainda que a beleza que se esconde do mundo, na escuridão e proteção das cavernas testemunha que a sobrevivência é de fato uma batalha, mas também uma arte. Em tempos em que a sufocação é a regra, Evando diz que a (des)arte *instaura* algo de impalpável, quase abstrato, mas muito real. Diz que Duchamp chamaria isso de *respiração*. Em tempos irrespiráveis, cabe instaurar formas de respiração. A pergunta que guardo é sobre a instauração, afinal e ao final, instaurar é uma palavra de inícios, de começos e começares, nela não cabe o prefixo “re” – recomeçar. E sem esse prefixo acabamos diante de uma atmosfera de ruína e de destruição. Como se nada tivesse sobrado. No entanto, e a meu ver, a delicadeza da linha ilegível de Evando guardaria, em seu ciframento, esse segredo da destruição – segredo que deverá sobreviver como segredo em ciframento. O segredo da destruição é fundamental para vivificar a arte, e inclusa a arte da vida: para podermos recomeçar.

Lembro-me que Anselm Kiefer (2011), em suas aulas inaugurais no Collège de France, reunidas sob o título que aqui nos importa repetir: *L'art survivra à ses ruines* (A arte há de sobreviver às suas ruínas), diz que muitas vezes esconde os seus quadros debaixo da terra quando com eles já não sabe como continuar a pintar. Ele literalmente os enterra. Em seguida coloca sobre eles um sino. Esse sino poderá ajudá-los a se manifestar um dia. Assinalam também a sua presença ali. Quem sabe, passados muitos anos, e inclusive quando o artista já não estiver mais (KIEFER, 2011, p. 58), esses quadros poderão recomeçar. Kiefer entra aqui em sintonia com esse gesto de instauração em que a fossilização da obra é a única forma de sobrevivência à ruína do animal humano. Sua sintonia é tão grande que não apenas os seus quadros voltam para a terra, mas também a terra e seus minerais adentram os seus cadernos.

Figura 6 – Livros-cadernos de Anselm Kiefer



Fonte: Kiefer (2015).

O ciframento da linguagem da arte, longe do hermetismo, é esse do segredo e do mistério: fazer falar o quadro através dos sinos, ou fossilizar a folha como modo de escapar à forma animal, como modo de fazer falar o animal do homem ao vegetal, de fazer da letra cifrada um sino que quiçá nos alerte quando for o momento exato de instaurar sobre ruínas outro regime para recomençar. Ou ainda onde o animal humano não precise mais esgueirar-se sem respirar entre a brutalidade dos papéis e a fragilidade

da vida. Ruínas e modos de sobrevivência que nos permitam estarmos todos no mundo, uma espécie de Todo-Mundo, como chamava Glissant (1997), que só poderá existir quando as diferenças, e mesmo as mais sutis, assumirem todas elas o seu lugar.

## Referências

- ARTAUD, Antonin. *Oeuvres*. Edition Etablie par Evelyne Grossman. Collection Quarto. Paris: Gallimard, 2004.
- BAILLY, Jean-Christophe. *L'Ineffacé: brouillons, fragments, éclats*. Normandie: L'Édition de l'IMEC, 2016.
- BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v. I e II.
- BERNADAC, Marie-Laure. *Tendre compulsions, les écrits de Louise Bourgeois*. In: LAVAILLANT, P. (org.). *Les écrits d'artistes depuis 1940*. Paris/Grenoble: Institut Mémoires de l'édition contemporaine, 2004. p. 21-33.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DURAS, Marguerite. *Escrever*. Tradução Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DURAS, Marguerite; PORTE, Michelle. *Les lieux de Marguerite Duras*. Paris: Minuit, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: capitalismo et schizophrénie*. Paris: Minuit, 1980.
- DERRIDA, Jacques. *Mémoires d'aveugle: l'autoportrait et autres ruines*. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1990.
- DERRIDA, Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Tradução Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- GIRAUDON, Liliane. Liliane Giraudon: une creative method accidentée. [Entrevista cedida a] Emmanuèle Jawad. *Diacritik*, Paris, 19 dez. 2016. Disponível em: <https://diacritik.com/2016/12/19/liliane-giraudon-une-creative-method-accidentee-creation-et-politique-9/>. Acesso em: 18 out. 2017.
- GLISSANT, Edouard. *Traité du Tout-Monde*. Paris: Gallimard, 1997.

- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- KIEFER, Anselm. *L'alchimie du livre*. Paris: Éditions de Regard: Bibliothèque Nationale de France, 2015.
- KIEFER, Anselm. *L'art survivra à ses ruines*. Paris: College de France, 2011.
- KIFFER, Ana. *Antonin Artaud*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.
- KIFFER, Ana. *Do desejo e devir: as mulheres e o escrever*. São Paulo: Lumme, 2019.
- KILOMBA, Grada. The Mask. In: KILOMBA, Grada. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. 2<sup>nd</sup> ed. Münster: Unrast Verlag, 2010.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SAUVANGUARGUES, Anne. *Deleuze et l'art*. Paris: PUF, 2005.